

Safrá 2008/09

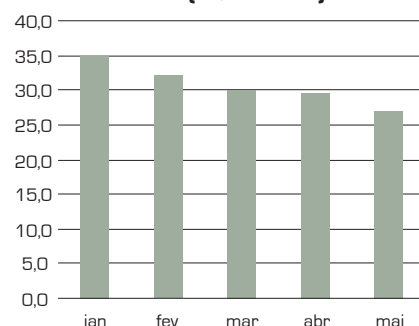
Alternativas de crédito

PRÓXIMAS DA safra 2008/09, as exigibilidades bancárias, a parcela de 25% sobre os depósitos à vista que os bancos são obrigados a aplicar no setor rural estão em queda. A rubrica é a principal fonte de recursos para o crédito rural. Do total de operações do crédito rural projetados para o Plano de Safra 2007/08, de R\$ 58 bilhões, quase a metade (R\$ 28,4 bilhões) tem como fonte as exigibilidades.

Essa tendência cresceu após o fim da CPMF, em janeiro último, quando os clientes de bancos deixaram de pagar 0,38% sobre suas movimentações financeiras. Desde então, a opção é por aplicar os recursos em fundos ou renda fixa,

em vez de deixá-los sem remuneração na conta corrente. O governo estima uma redução de R\$ 8 bilhões, de janeiro a maio,

Brasil: exigibilidade no crédito rural em 2008 (R\$ bilhões)



Fonte: MAPA

no total dos depósitos à vista nos bancos. É a quebra de uma trajetória de elevação que vinha desde 2003.

Além dessa preocupação entre os formuladores da política agrícola, existem outros pontos para serem observados. A nova rolagem das dívidas rurais, recentemente anunciada pelo governo, e ainda em fase de renegociação com o setor, causará uma redução de R\$ 2 bilhões na oferta de recursos obrigatórios.

A disponibilidade de crédito será o calcanhar de Aquiles para a próxima safra. Os custos de produção incharam no campo e será necessário ampliar os limites de crédito individual dos produtores. Haverá maior competição por recursos. O orçamento para o plantio normalmente é suprido pelo crédito rural, os recursos próprios dos produtores e as agroindústria. A capacidade de autofinanciamento do setor melhora, mas ainda é baixa. Já as incertezas e volatilidades dos preços das *commodities* agrícolas fazem com as empresas joguem de forma mais defensiva para travar os preços futuros nas operações casadas com fornecimento de insumos. ■

Crédito: situação de mutuários melhora

Os especialistas dos agentes financeiros acompanham de perto as oscilações dos mercados e os ciclos de angústia e alívio do agricultor brasileiro. "O último ciclo foi marcado por um momento bastante positivo do ponto de vista de formação de receita. Os produtores obtiveram melhores resultados devido à elevação dos preços da maioria das *commodities*. Isso permitiu àqueles que não tinham comercializado antecipadamente obter uma receita um pouco melhor do que nos anos anteriores", explica Walmir Segatto, superintendente comercial de Agronegócios do Banco Santander.

Os mesmos sinais de recuperação da

renda do agricultor têm sido sentidos no Banco do Brasil. "Depois da crise de 2004 a 2006, nós percebemos que, pouco a pouco, os produtores estão recuperando sua renda, resgatando suas dívidas e voltando à dinâmica normal de suas atividades", explica José Carlos Vaz, diretor de Agronegócios do BB. "A pecuária já melhorou bastante este ano e a compra de máquinas já está retornando a níveis históricos, e nós já temos a percepção de que, para a safra 2008/09, vai haver uma grande demanda por crédito de custeio."

Segundo José Carlos Vaz, o Banco do Brasil tem 1,7 milhão de agricultores familiares clientes, dos quais 700 mil estão com suas dívidas prorrogadas. Entre os cerca de 270 mil produtores

médios e grandes, 50% têm prorrogação de dívidas. "Isso que dizer que entre metade e dois terços de nossa carteira de clientes ultrapassou a crise sem precisar fazer prorrogações, e a outra parte está começando a resgatar seus compromissos", detalha Vaz.

Na opinião Ademiro Vian, assessor sênior da Diretoria Executiva da Federação Brasileira de Bancos (Febraban), a renda do agricultor tem melhorado, porém em muito menor proporção do que a valorização das *commodities*. "O aumento nos preços das *commodities* foi agregado ao lucro dos intermediários, mas chegou ao agricultor num percentual que, embora nós não tenhamos mensurado, achamos que foi muito reduzido", afirma Vian.